

ARTE, BIOLOGIA E VIDAS COMO FORÇAS PROPULSORAS DE POSSÍVEIS PERANTE O ANTROPOCENO

ART, BIOLOGY, AND LIVES AS DRIVING FORCES OF POSSIBILITIES IN THE FACE OF THE ANTHROPOCENE

ARTE, BIOLOGÍA Y VIDAS COMO FUERZAS PROPULSORAS DE POSIBILIDADES FRENTE AL ANTROPOCENO

Daniela Franco Carvalho¹, Mônica de Oliveira Costa², Maria Carolina Alves³, Caroline Barroncas de Oliveira⁴, Monica Silva Aikawa⁵

Resumo

Vidar em In-tensões, da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), e Amplia: Amálagma em Educação, Ciência e Arte da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), unem-se em encontros de pesquisa-escrita em linhas de sangue. Encontros de Amazôncias e Cerrados em alteridades e singularidades mobilizados pela pesquisa narrativa nos dois grupos, marcados por perspectivas colaborativas de atuações no Ensino de Ciências e Biologia, pela escrita da experiência e valorização da trajetória. Ao apresentar cada grupo, apresentamos também dois manifestos de muitas vozes que apresentam os grupos a partir da escrita, da educação, das alteridades significativas e antropologias companheiras que surgem em estudos ecofeministas e arte contemporânea. Nos questionamos acerca de nossas ações de pesquisa e extensão e pretendemos promover outros modos de ver/fazer/agir diante das catástrofes e das dualidades natureza/cultura, cultura/arte, criação/vida, ética/estética, com a arte e o ato de criação como bases da força propulsora de possíveis diante o Antropoceno.

Palavras-chave: biologia; ensino de Ciências; formação de professores; aprendizagem.

Abstract

Vidar in In-tentions, from the State University of Amazonas (UEA), and Amplia: Amalgam in Education, Science and Art from the Federal University of Uberlândia (UFU), join together in research-writing encounters along lines of blood. Encounters of Amazons and Cerrados in alterities and singularities, mobilized by narrative research in the two groups, marked by collaborative perspectives of actions in Science and Biology Teaching, by the writing of experience and appreciation of the trajectory. In presenting each group, we also present two manifestos of many voices that introduce the groups through writing, education, significant alterities, and companion anthropologies that emerge in ecofeminist studies and contemporary art. We question ourselves about our research and extension actions and intend to promote other ways of seeing/doing/acting in the face of catastrophes and the dualities of nature/culture, culture/art, creation/life, ethics/aesthetics, with art and the act of creation as the bases of the driving force of possibilities in the face of the Anthropocene.

Keywords: biology; Science teaching; teacher training; learning.

Resumen

Vidar en In-tensões, de la Universidad del Estado de Amazonas (UEA), y Amplia: Amalgama en Educación, Ciencia y Arte de la Universidad Federal de Uberlândia (UFU), se unen en encuentros de investigación-escritura en líneas de sangre. Encuentros de Amazonías y Cerrados en alteridades y singularidades movilizados por la

¹ Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, Brasil; Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. E-mail: danielafranco@ufu.br

² Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil; Universidade do Estado do Amazonas, Brasil. E-mail: mdcosta@uea.edu.br

³ Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. E-mail: maria.alves.carolina@gmail.com

⁴ Universidade Federal de Mato Grosso, Universidade do Estado do Amazonas, Brasil. E-mail: cboliveira@uea.edu.br

⁵ Universidade Federal do Amazonas, Brasil; Universidade do Estado do Amazonas, Brasil. E-mail: maikawa@uea.edu.br.

investigación narrativa en los dos grupos, marcados por perspectivas colaborativas de actuaciones en la Enseñanza de Ciencias y Biología, por la escritura de la experiencia y la valorización de la trayectoria. Al presentar cada grupo, presentamos también dos manifiestos de muchas voces que presentan los grupos a partir de la escritura, de la educación, de las alteridades significativas y antropologías compañeras que surgen en estudios ecofeministas y arte contemporáneo. Nos cuestionamos acerca de nuestras acciones de investigación y extensión y pretendemos promover otros modos de ver/hacer/actuar ante las catástrofes y las dualidades naturaleza/cultura, cultura/arte, creación/vida, ética/estética, con el arte y el acto de creación como bases de la fuerza propulsora de posibles ante el Antropoceno.

Palabras clave: biología; enseñanza de las Ciencias; formación docente; aprendizaje.

1. Introdução

As linhas compostionais que disparamos aqui são miúdos de educações outras, enamoradas pela arte e por uma ciência menor. São vidas inventadas por meio de estudos e peraltagens experimentadas pelo encontro dos grupos de pesquisa Vidar em In-tensões⁶ e Amplia: amálgama em educação, ciência e arte⁷.

Tal encontro produz vidas que transbordam em investigações, atividades e gentes que habitam as bordas da educação na qual “o trajeto se confunde não só com a subjetividade dos que percorrem um meio, mas com a subjetividade do próprio meio” (Deleuze, 2011, p. 83). Sentir com esses coletivos, nas pesquisas e em suas clandestinidades nos mantém no entre, no nomadismo, na potência para o sentimento, para a docência-pesquisa, no sentido de fazer brotar um caminho próprio (Deleuze; Parnet, 1998).

Deleuze e Parnet (1998, p. 13), na afirmação “a vida não é sua história”, convocam-nos a pensar que esta história escrita é apenas uma parte do que vivemos, um pequeno pedaço do que conseguimos contar sobre nossos sentidos, emoções, afetos e acontecimentos. Seguimos o “pensamento rizomático, aberto a devires não hierárquicos e a contágios” proposto por Haraway (2022, p. 37). Amplia e Vidar constituem-se, no plural, pois somos muitas, múltiplas e singulares.

Encontramo-nos por entendermos que a vida é verbo, ação, deslocamento; além de a enxergarmos como transitória e pulsante... O que seria a vida, senão uma forma de resistência, atravessada por (in)constantes ciclos de mudança? Alguns mais leves, mais tranquilos, outros mais duros ou mais felizes, mas sempre viventes, sempre em tensões que fazem parte da vida, ampliando-a.

Coletivos que se mobilizam na criação por linhas das artistagens, do experienciar, e se expressam por um modo artístico/inventivo, em um movimento que nos faz vergar para fora das previsibilidades. Articulamos narrativas e trajetórias de vida. Encontros de Amazônias e Cerrados em alteridades e singularidades são aqui mobilizados pela pesquisa narrativa, campo metodológico em comum nos dois grupos. E o que pode ser mais imprevisível que a vida? Uma

⁶ Saiba mais acerca do Grupo de Pesquisa Vidar em In-tensões: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/796116>

⁷ Saiba mais acerca do Grupo de Pesquisa Amplia: amálgama em educação, ciência e arte: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/775325>.

escrita de si em minoridade, entendida como potência dos processos de subjetivação, desse sujeito que cria a si próprio, em um modo de viver por suas escolhas criativas.

[...] criações que auxiliam, tangenciam e tensionam enunciados em movimento, produções as quais ao mesmo tempo que foram criadas, enunciadas, em determinado tempo e lugar, se fazem pulsante em novos enunciados de contextos, palavras e entonações outras (Alves; Carvalho, 2024, p. 636).

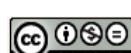
Compreendemos que “a escritura tem por único fim a vida” (Deleuze; Parnet, 1998, p. 14) de professoras, pesquisadoras, mulheres, plantas, bichos, fungos, bactérias, coisas, outras. Com Anna Tsing (2022, p. 313), entendemos também que “para escrever uma história da ruína, precisamos seguir os fragmentos quebrados de muitas histórias e mover-nos para dentro e para fora de seus muitos retalhos e manchas”, uma ecologia do encontro sustentada pela diferença, com as impermanências, as sutilezas e as transformações permeadas pela multiplicidade de vida no Antropoceno e no Ensino de Ciências e Biologia.

Fizemos, portanto, uma pesquisa da experiência em que cinco escritoras se colocam diante desta vida em movimento criativo de possíveis, em empatia, coletividade e diferença. No percurso de investigação narrativa, questionamos acerca de nossas ações de pesquisa e extensão, as quais perpassam as desafiadoras imposições das mudanças climáticas no Antropoceno que temos vivido em assembleias. Ao introduzir cada grupo, apresentamos também dois manifestos de muitas vozes que enunciam modos de ver, fazer e agir. Nossa estar no mundo insurge em estudos ecofeministas que aproximam ainda mais os dois coletivos e sua gente, com quem firmamos a tarefa de pensar o ecofeminismo como um gesto epistemológico e político, capaz de deslocar fronteiras rígidas entre natureza e cultura, ciência e vida, corpo e território, de se materializar em obras de arte e de transformar práticas formativas.

Os disparates deste encontro têm enfatizado o Antropoceno e os estudos em ecofeminismos, em todas as suas possibilidades. Numa trajetória insubmissa, Amplia e Vidar têm traçado rotas desviantes que nos possibilitam pesquisar, narrar e inventar a nós mesmas. Vive de dissertações, teses, projetos de ensino, pesquisa e extensão, abalos com outras, experimentações, imersões, escritas, cotidianos... cafés, museus, viagens, cantorias, danças e abraços.

2. Amplia

Somos um grupo que trabalha colaborativamente na criação de provocações acerca dos processos educativos em museus, escolas de educação básica e praças, desde a cidade até a



roça. Partimos de ideias e constituímos um modo de pensar e fazer junto para a elaboração de um projeto de intervenção que é, também, a pesquisa.

Multiplicidade e sensibilidade marcam-nos enquanto tentamos avançar as fronteiras desses espaços e, nesse universo de tantas possibilidades, propomos-nos a oferecer reflexões e perguntas sobre as relações entre ciências, educação, tecnologias e arte contemporânea por meio de *podcasts*, textos, oficinas, piqueniques, vídeos e outros conteúdos digitais que são nossos catalisadores.

O Amplia é esse caleidoscópio.

Somos convites. Mão estendidas para que possamos saltitar por entre os tantos atravessamentos possíveis da dança com a ciência e a arte, educação e tecnologia, museu e escola, conhecimento e gente. Em interlocuções. Em vivências. Em afetos múltiplos que compõem novos olhares para caminhos interdisciplinares sobre fenômenos, obras de arte ou ações.

Nos interessa produzir possibilidades educativas, aprender com os outros e pensar para além. Criações em ondas, às vezes mais fortes, às vezes em calmaria. Nos tornamos outras a partir dos encontros e mudamos. Ideias, propostas e os nossos discursos. A ampliar o mundo em nós.

Em constante impermanência.

Em um entendimento de que o que se constrói coletivamente são turbilhões de mudanças⁸.

Habitar junto o que está dentro. Não existe fora. Nossa espaço interno vai além do território. Tudo que a gente faz é em roda, conectadas pelo ar, por entre recortes, linhas e desenhos. Por entre vermelhos, amarelos e azuis.

Em rodas multiespécies.

Pertencemos a um círculo que está em constante movimento. Interagimos com o que alcançamos e compartilhamos vidas. A relação entre as espécies é como uma roda, a qual se desloca e funciona a partir do diálogo das diversas existências. O que essa roda conta-nos? Por que centralizamos a humanidade como promotora do movimento?

A espécie humana, geralmente, distancia-se da natureza pela ideia de superioridade fundamentada na separação humano-natureza. Entretanto, essa ideia dicotômica de que somos mais evoluídos fomenta a invalidação das outras existências, afetando mundos humanos e não-humanos. Existe resto quando somos um todo? Todos os seres que existem no ambiente possuem particularidades que se conectam. Por que esses mundos diferentes apenas são validados quando essa conexão beneficia os avanços da humanidade?

⁸ Texto coletivo disponível na página www.amplianarede.com.br

DOI: 10.46667/renbio.v18inesp1.2147

Toda relação é uma relação de poder, entre dois ou mais, que mexe, que tira do lugar, que desloca, que constitui. Por isso essa ação mútua nunca deixa os interagentes da mesma forma como estavam no início da relação. Ninguém sai imune de uma relação. Leva em si inoculado o outro. E vai inoculado no outro (Moura; Miotello, 2014, p. 159).

É no acontecimento, no evento, que se dispara a presença criativa da natureza, que diálogos emergem e com os quais se pode pensar-com a unidade da vida (Alves; Carvalho, 2024). Para Moura e Miotello (2014, p. 156), a alteridade “é um processo de alargamento, de invasão mútua”. Nessa perspectiva, a alteridade não se limita ao respeito à diferença, mas é vivida como experiência intersubjetiva de transformação - um campo de tensões e de potências em que o sujeito se refaz na presença do outro. Essa concepção dialógica pode desconstruir hierarquias entre saberes, corpos e vozes. Quando acolhemos a alteridade, adentramos um território ético-estético de escuta, vulnerabilidade e criação compartilhada em coabitacão sensível no mundo.

A natureza é como uma colagem. Somos mundos que se formam e transformam coletivamente a partir do que está disponível no ambiente, a partir do que e com quem entramos em conexões e aceitamos companhia significativa. Assim também é a técnica artística de colagens, que transforma através do disponível. Cada recorte, com suas diferenças e origens, oferece sentido e harmonia para uma composição. Desse modo, compomos a natureza e desempenhamos papéis diferentes, mas somos personagens da mesma história. Histórias podem ser contadas por diversas perspectivas, pela singularidade de cada indivíduo. Criações que se perfazem na colaboração e na interação especulativa⁹ do que se pode em um curso de Ciências Biológicas (Figura 1), na experiência de uma mostra de profissões.

⁹ No pensamento multiespécies de Donna Haraway está presente um termo fundante: *SF*. O qual, na língua inglesa, remete à Ficção Científica, Fabulação Especulativa, Figuras de Barbante e muitas outras narrativas-pensamentos-criações de antecipação que “são feitas ao passar e receber, ao fazer e desfazer, ao puxar os fios e soltá-los. SF é prática e processo; é devir-com reciprocamente em retransmissões surpreendentes”, e conferem continuidade no Antropoceno, Capitaloceno e Chthuluceno (Haraway, 2022, p. 12).

Figura 1: Colagem colaborativa.

Fonte: Autoria própria. Colagem em papel (2024).

Essa invasão mútua é um encontro que não pede licença, não espera o desejo, nem se submete às nossas vontades. Não sou eu quem o chama – é ele quem atravessa. Traz um olhar que não é nosso próprio. Um olhar que vê de fora, de um lugar que nunca poderíamos habitar. E é nesse espanto que algo em nós se dilata: cresce, reorienta-se, amplia-se. Nos tornamos mais por causa desse outro que nos escapa e, ao mesmo tempo, nos funda. Nesse sentido, Moura e Miotello (2014, p. 159) colocam que “novas relações acarretam novas exigências de ser, novos conhecimentos, novos desafios”. Nelas, reside a potência da alteridade: a chance de sermos outros em nós mesmos, de reexistirmos em movimento. Sabermos-nos em travessia.

Promover situações nas quais os sujeitos possam se sentir livres para produzir sentidos em interação com a arte contemporânea, e outros conteúdos e saberes plurais provenientes de experiências singulares, é estar num processo de deslocamento em relação ao objeto com um pensamento participativo, é viver um evento único cuja compreensão do objeto se confunde em relação ao próprio ser, em fluxo (Alves; Andrade; Urzetta; Martins; Carvalho, 2025b, p. 6).

A experiência, portanto, não se dá de forma neutra ou universal, mas a partir da

perspectiva única de um sujeito situado. É nesse sentido que a relação com o outro só pode ser efetivamente experienciada pela mediação da minha consciência, isto é, por meio da minha singularidade existencial. Segundo Bakhtin (2010, p. 102), “experienciar um objeto significa possuí-lo como unicidade real, mas tal unicidade do objeto e do mundo pressupõe a correlação com a minha própria singularidade”. Tal encontro, ao recusar a indiferença ou a negação do outro, produz sentidos que são constituídos na vivência e, ainda que eventualmente compartilháveis, carregam uma marca subjetiva: fazem sentido, em primeiro lugar, para quem os vive.

Pensar-com. Viver e aprender em companhias inesperadas.

Abrir-se para o novo. Estar disponível para o inesperado ética, estética e responsavelmente¹⁰. Experiências permitem contato, diálogo, escutas e feituras que articulam natureza, arte, ciência e educação (Alves; Carvalho, 2024).

É nisso que insistimos quanto à potência de fazer-mundos. Compreendemos, com Donna Haraway (2023), que as Ciências Biológicas apresentam uma riqueza que transborda e fomenta outras noções a respeito do mundo vivo em atividade simpoiética, cujas práticas compostionais são capazes de construir novos coletivos para viver como terrestres no Antropoceno e não como humanos no Holoceno. Em meio a conhecimentos que conhecem conhecimentos e mundos que mundificam mundos, a respons-habilidade converge para zonas de contato ubíquas e contínuas em movimento de feitura e descontínuos, em relações, em alteridades significativas (Haraway, 2023).

Alteridades significativas exigem a produção de mundos mais vivíveis, os quais fazem florescer respeito, resposta, aberturas e escalas no percurso da tarefa de nos tornar “suficientemente coerentes em um mundo incoerente [...] em qualquer nível, com qualquer parceiro” (Haraway, 2021, p. 73). Perceber mundificações mundanas, entretanto, exige redirecionar nossa atenção para ontologias alternativas e mais que humanas no curso da atividade prática do fazer da vida ao abrir espaço para outras espécies (Tsing, 2022).

Sob uma perspectiva de mundo multiespécie, podemos ampliar sentidos que ecoam em nossas ações ao nos reconhecermos como seres que também são natureza e conviventes com espécies companheiras de vida, de pesquisa, de esporte, de saúde, de segurança, de corpo e de biologia. Refletir sobre a participação situada na mundificação de possíveis vai além de discussões sobre nossas pegadas no planeta: movimentar mundos nos posiciona, ambivalentemente, como agentes tanto de destruição quanto de participantes da criação.

Fios invisíveis nos ligam a todas as espécies na história biológica do mundo da vida. Com Stengers (2015), aceitamos e fazemos convites para arrombar portas abertas ao conjugar, sem confusão, repercussões e possibilidades experimentais, uma vez que “cabe a nós criar uma maneira de responder por nós, mas também pelas inúmeras espécies vivas que levamos conosco para a catástrofe” (Stengers, 2015, p. 35). A ação participativa é condição para o encontro e a

¹⁰ A responsabilidade na filosofia da língua proposta pelo círculo intelectual de Bakhtin tange aquilo que é responivo (em resposta à) e responsável (para com o outro, em ato participativo).

abertura para o novo na constituição efetiva da realidade e da realização do ato.

A partir da afirmação de Bakhtin (2010, p. 62), de que na alteridade “se realiza algo que não existia nem no objeto da empatia, nem em mim antes do ato da empatia, e o existir-evento se enriquece deste algo que é realizado, não permanecendo igual a si mesmo”, compreendemos que o encontro com o outro é, antes de tudo, criação. A empatia, nesse contexto, não é apenas um sentir com, mas um gesto criador que dá origem a algo novo – um acontecimento ético-estético. Nesse ato, o eu e o outro passam a ser constituídos na relação em um campo de mútua incompletude e o existir torna-se acontecimento.

Mediante a enfatização dos problemas climáticos, das catástrofes ambientais e da ebullição global anunciadas há décadas e hoje exacerbadas nos eventos extremos, os quais perpassam nossos biomas profundamente degradados, Alves e colaboradoras (2025b) destacam o pensamento colaborativo no curso da experiência de estar em diálogo com a biodiversidade do cerrado mineiro em imersão com um mundo fluído interpelado pela força criativa.

Dessa maneira, experimentações sensíveis promovidas em imersão com o mundo impermanente e alteritário são calcadas também em posicionamentos avaliativos-criativos-ideológicos éticos e políticos produtores de reelaborações as quais, antes de serem ativadas nas práticas, perpassam o pensamento, a palavra e a sensibilização (Alves; Urzetta; Carvalho; Andrade; Martins, 2025a, p. 170).

A alternância de sentidos está intimamente ligada ao ato da criação e tem as marcas do inacabamento e da interação dialógica entre a palavra do outro, vida como vivida e a concretude das relações (Bakhtin, 2017). Para Bakhtin (2010, p. 128), uma relação fundada na indiferença ou na hostilidade resulta “sempre uma reação que empobrece e desintegra o objeto”. Em contraste, defende que é apenas por meio de uma atenção profundamente interessada, marcada por uma postura amorosa e responsável, que se torna possível sustentar a complexidade concreta da existência do outro, sem reduzi-la a esquemas abstratos ou empobrecê-la em sua singularidade.

Ainda que eu esteja sempre situado como eu-para-mim, distinto do outro em sua alteridade, para Bakhtin (2010, p. 62) a empatia não implica a “dissolução do eu no outro”, mas na constituição de um movimento relacional, no qual algo novo emerge sem eliminar a diferença, mas mobilizando-a para gerar sentidos inéditos e deslocamentos mútuos.

A sobrevivência sempre envolve alteridade nas ecologias dos encontros, pois é na singularidade das relações interespécies que se prolonga a heterogeneidade ecológica (Tsing, 2022). Viver tempos perturbadores e confusos requer aprender a estar verdadeiramente presente sem sucumbir a um futurismo abstrato, e também exige florescimentos vivazes de mundos ressurgentes (Haraway, 2023). Por isso, em meio à “impermanência das paisagens do antropoceno, heterogeneidades que extrapolam o campo do natural, da conservação e do

manejo, das mudanças climáticas ou do efeito estufa” (Alves; Carvalho, 2024, p. 630), mobilizamos a diferença no cuidado com a Terra e com os outros.

3. Vidar em In-Tensões

Somos um coletivo que escreve com o CORPO. Não com a mão. Não com a mente. Mas com a carne que pulsa, treme, reexiste. Cada linha que se traça é ferida e broto. É fruto de um tempo que nos atravessa e obriga a lembrar que escrever é, também, sangrar, como já dizia nosso querido Foucault (2009, p. 143):

E, este corpo, há que entendê-lo não como um corpo de doutrina, mas sim – de acordo com a metáfora tantas vezes evocada da digestão – como o próprio corpo daquele que, ao transcrever as suas leituras, se apossou delas e fez sua a respectiva verdade: a escrita transforma a coisa vista ou ouvida “em forças de sangue” (*in vires, in sanguinem*).

Nossos escritos são um corpo. Um grupo-gente (Figura 2). Um corpo de cortes, incisões que não buscam curar, mas abrir. Abrir frestas, vazamentos, abismos, remendos, tombamentos. Porque há escritas que só nascem do rasgo: o discurso corta e disciplina; a lembrança lateja e quer dizer; a invenção se faz sobrevivência; o currículo se inscreve na pele.

Entre cada ferramenta-tema há uma dobra e, em cada dobra, um corpo-vidar que insiste, que narra, que inventa mundos.

Figura 2: Grupo-gente.



Fonte: Autoria própria com auxílio da Inteligência Artificial (2025).

Vidar é um corpo. Um corpo do sentir, do pensar, do fantasiar, do encantar, do sorrir, do chorar, do sofrer. Um corpo espinosista, enquanto acontecimento, e que se define em suas capacidades de afecções, por seus modos singulares de afetar e ser afetado (Deleuze, 2002). Um corpo que existe na medida de seu encontrar-se consigo e encontrar-se com outros, outras e tantas mais gentes e entes. Um corpo do vidar e do tensionar.

Um corpo-vidar que acontece em cortes, rupturas e desvios. O qual não aceita ser linha reta, esticada e estática. Pois é de natureza outra, rizomática, alinhavada, desobediente, em autorizações.

Se sangramos, é para fazer nascer – nascedouros.

Vidar é uma escrita que se lê com os poros. Com os olhos fechados. Com a pele atenta. Um corpo-escrita em devir.

Nós lavamos as palavras acostumadas nos rios negros e barrentos da Amazônia e inventamos vidas, docências, educações, artes, gentes, amorosidades e alegrias. Onde o corpo é perpassado por regimes de verdade, e o silêncio é moldado pela maquinaria do saber-poder, Foucault se instala em nossos corpos. Ele é o intercessor. Manoel de Barros¹¹ também. Dentre as novidades que inventamos com nossas palavras, queremos imaginar encontros. Não como troca de palavras. Mas como experimentações. Devir.

Criação de formas outras de existência.

Disparamos encontros com a Amazônia, múltipla, viva, borrada.

Abandonamos as ideias de uma Amazônia enquanto terra de mistérios e lendas; exuberância da natureza; o modo dito peculiar dos moradores, simplificada, estéril em suas lutas.

Nos movimentamos em pesquisas que desnaturalizam e deslocam as ideias fabricadas sobre a Amazônia nos discursos legais, escolares, midiáticos literários. Escritos como os de Costa (2017) e Costa e Oliveira (2017) alinhgam-se a um processo inventivo de pesquisas/vida a partir do encontro com o incomum, o menor, o inesperado. Uma estética de existência.

Vida como obra de arte que pulsa/que incomoda/que desconcerta.

Desconstrução das naturalizações na compreensão da obra e da arte, muitas vezes reduzidas e conformadas a uma posição elitista e apresentada por quem está na ordem do discurso. “Mas a vida de todo indivíduo não poderia ser uma obra de arte? Por que uma mesa ou uma casa são objetos de arte, mas nossas vidas não?” (Foucault, 2011, p. 50). Arte, no sentido dos modos de ser de toda e qualquer criação. Arte, como narrativa da vida que foi inventada no confronto de leituras desestabilizadoras.

¹¹ Poeta brasileiro. Saiba mais em: <https://www.fmb.org.br/>.

Nos capturaram a olhar as rasuras, as fissuras, as formigas, os silêncios.

O corpo se descola do espelho. O que pulsa não é só lembrança, é ficção viva. Um gesto ético-estético de tornar-se outro em si. Cuidado de si - um reencontro foucaultiano em fase final de vida.

*O pulso ainda pulsa
E o corpo ainda é pouco
Ainda pulsa
Ainda é pouco
Assim¹²*

A pele fabula uma autobiografia como invenção. Autobiografia é escrita de si foucaultiana. Instaurar-se no papel, na letra, no tempo-espacó, na vida. No inacabamento, na constituição constante, na incompletude. No retorno a si, em libertar-se e ser quem se é. Autobiografias em invenção de si.

Convidamo-nos a aprender a partir da pele. O corpo-currículo dobra-se, tensiona-se, esgarça-se nos encontros com o mundo e nas pedagogias sensíveis. Em linhas rizomáticas deleuzianas e companhias que rasgam um corpo-currículo em carne viva.

Linhos duras, flexíveis e de fuga tecem-se com a Filosofia da Diferença. Rizoma. Corpo sem órgãos. Corpo acontecimento. Nomadismos e clandestinidades. Singularidades e multiplicidades constituem habitações desse corpo. Pulsar.

“No coração de uma árvore, no oco de uma raiz ou na axila de um galho, um novo rizoma pode se formar” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 33).

Estudos e pesquisas com a diferença laceram nossa pele por fricção, traumatismo ou fissura. A pele rasga e sangra em aberturas a outros... outros currículos... outras educação... outras amazôncias... outros e outras de nós... outros e outras de nós com os outros e outras.

O corpo feminino, que sangra, segue em produções de um corpo-brincante, que em floresteios com as amazôncias que nos constituem, (re)conecta-se com plantas, terra, água, ar e seres humanos e não humanos, “em conexão com a alteridade significativa e com outros que significam, em diversas escalas, em camadas de locais e globais, em teias que se ramificam” (Haraway, 2021, p. 93). Afeta e se deixa afetar pela vida, pelo riso, pela dor, pela alegria. As potências, acontecimentos, perceptos e afecções nos produzem outras hemorragias.

Vidar é um território pedagógico. A aprendizagem é uma dança entre saberes. Com Krenak (2019), afirmamos que não é possível ensinar nada a alguém que não está em comunhão com a vida. E, com Nego Bispo (Santos, 2023), reavivamos os saberes orgânicos que nascem

¹² Composição “O pulso” de Antonio Bellotto, Marcelo Fromer e Arnaldo Filho (1989).

da convivência e não da conveniência.

Nessa comunhão com a vida, Currículos em Carne Viva se produzem com educações, ciências, infâncias, gentes, floresta. Currículo aceroleiro, Currículo corpo-rio, Currículo arte-vida, Currículo trans, Currículo sonoridade, Currículo estrangeiro... “Entrelaçamentos dos modos de vida” (Tsing, 2022, p. 233)... Lacerações profundas e sensíveis esgarçam a pele desse corpo território pedagógico. Sangue.

Sangue que germina: insurgências ecofeministas em devir. Vidar é verbo que germina do corpo à floresta, da mulher à terra, da dor ao cuidado. Aqui, a escrita não cicatriza: ela brota, ramifica-se, devém território insurgente.

Nos ocupamos como um feminino, floresteado de pensares-sentires-viveres-quereres de mulheres em habitações de resistência, com ramos de um ecofeminismo marcado pelas opressões de mulheres e natureza (Hollanda, 2000), e que, ao mesmo tempo, se enche de Amazônia na sua composição insurgente. Um ecofeminismo produzido por e em nossas autobiografias em invenção de si, as quais se transmutam com amazôncias singulares em suas multiplicidades de femininos, de educações, de pesquisas, de ciências, de vidas em fluxos, em desterritorializações, em epistemologias próprias e em devir. Nada é fixo, nada é total, nada é fechado, pois acontece em cortes na pele e sangramentos, em podas em galhos e seiva.

Sangue que germina: em extensão “Mulheres amazônicas entre educações, ciências e muito mais”, experimentações “Mulheres e ervas na amazônia: entre leiras e ensinanças das folhas” e “Bocós, imaginação e escritas”; em exposições “Cartografias de docências amazônicas” e “Professoras-cartógrafas em encontro com as infâncias amazônicas” e outras germinações. Assim como desponta em qualificações do pesquisar: “Tecendo femininos: narrativas autobiográficas de uma professora que ensina ciências na Amazônia”, que frutificou como “Cartografias Circulares de uma encantaria na Amazônia: entre convivências e afetos de suas ciências e educações” (Vasconcelos; Franco; Garcia; Oliveira; Costa, 2025); “Ewá e o folhar-si como encantaria: por uma descolonização da educação em ciências na Amazônia”, que gerou “Salve a todos os povos da Amazônia!” (Oliveira; Vasconcelos; Carvalho; Costa, 2025); “Autotrofia docente: macerar currículos vivos na Educação em Ciências” e “Sonhos nômades constituidores de uma professora amazônica na Educação em Ciências”, a partir dos quais pensa-se em “Sonhar um currículo-vida com professores em formação que ensinam ciências nos anos iniciais” (Benevides; Oliveira; Costa, 2025); além do “Manifesto de uma pesquisadora em contaminações com uma esquizo-ciência na Amazônia”.

Ecofeminismos em devir não são apenas campos de estudos, mas práticas que fazem germinar mundos. Em vez de sustentabilidade, buscamos coexistência viva, entre mulheres, florestas, rios e futuros. Como diz Nego Bispo (Santos, 2023), nós não somos resistência, somos existência continuada. E continuamos porque escutamos o chamado da terra, da água, dos entes, da floresta: “Caminhar atentamente por uma floresta, mesmo que esteja danificada, é ser pego pela abundância da vida: antiga e nova, sob os pés e se esgueirando em direção à luz” (Tsing, 2022, p. 229). Sangramos por vida em abundância (Figura-3)!

Figura 3: Sangue que germina.

Fonte: Autoria própria com auxílio da Inteligência Artificial (2025).

É um chão que se move, que se planta em floresteios e em barro, na lama se procria. É rasura, é tensionamento, é corpo que pensa com linhas de sangue, com fios de palavra, com rizomas que não se deixam capturar para fixarmos.

Vidar é verbo. É devir em comunhão. É flecha que lança horizontes. É gesto de quem aprende com o chão que pisa.

Um chão de sangue, alteridade, ecofeminismo pisando em terra, folhas e galhos com relações coconstitutivas nessas autobiografias do corpo. Nem sempre de felicidade ou potências alegres, nem sempre de dores e rasgos na pele... Mas em artistagens de mulheres, professoras, pesquisadoras que se compõem com pesquisas e ciências de gentes, femininos, terra, sons, florestas, rios e tantos outros, em vista de um mundo do devir-com (Haraway, 2021) diante do Antropoceno.

4. Amplia e Vidar perante o Antropoceno

Desse encontro festivo do Amplia e do Vidar nos movimentamos em questionamentos sobre nossas ações de pesquisa e extensão que perpassam as desafiadoras imposições das

mudanças climáticas no Antropoceno que temos vivido. Da fumaça que enevoa o céu de Manaus com as queimadas das florestas, da seca extrema que mata as vidas dos seres aquáticos, da derrubada das matas do Cerrado mineiro para o plantio de monocultura de soja e cana-de-açúcar encontramos força em resistências e reexistências.

Perante o Antropoceno decidimos aprender com outras mulheres sobre o cuidado com o planeta, conosco mesmas e com todos os seres. Delineamos uma proposta de estudos sobre ecofeminismos, partindo de clássicos da literatura nessa área e discussão acerca da temática. Nos convocamos em assembléia.

[...] as assembléias se constituem como dispositivos de inteligência coletiva. São espaços de enraizamento e projeção onde se experimenta a potência de pensar juntos, de elaborar uma ideia (uma palavra de ordem, em percurso, uma convocatória etc) que não existia antes da realização da assembleia (Gago, 2020, p. 187).

Para Verónica Gago (2020, p. 187), “a experiência de pensar juntos é sentida no corpo como potência de uma ideia” e essa congregação de gente e pensamentos, dialogada, assemelha-se ao que Anna Tsing elabora sobre as assembléias, de serem “agrupamentos abertos (...) as assembléias não se limitam a unir formas de vida; elas as criam” (Tsing, 2022, p. 68). Nessa confluência, nos vimos em processo de criação e entendimentos sobre o que podemos produzir a partir do encontro, do que acontece, do que vibra nossos corpos e pensamentos, em ritmos outros de força e partilha. Para Tsing, “assembléia polifônica é a reunião desses ritmos, uma vez que eles resultam de projetos de criação de mundos – humanos e não humanos” (Tsing, 2022, p. 69).

Em primeiras assembléias, produzem-se enamoramentos, a paixão toma conta dos corpos, pesquisas-vidas são partilhadas e compõem-se em relações multiespécies entre essas humanas e esses humanos das amazônias e cerrados, do x-caboquinho e do pão de queijo, da geleia de cupuaçu e do doce de leite... Enamoramentos, paixões... “Estar apaixonado significa estar no mundo, estar em conexão [...]” (Haraway, 2021, p. 93). Nosso estar no mundo insurge em estudos ecofeministas que aproximam ainda mais os dois coletivos. Assembleias com mulheres, entes e gentes em propulsões de atos no Antropoceno, com a leira, com os banhos de folhas, com os pés na terra sagrada, com outras tantas de nós que pesquisaram o feminino: bell hooks, Rosi Braidotti, Elô Teixeira, Maria da Graça Costa, Débora Diniz... Assembleia de corpos que sangram, fluem, coabitam e coconstituem outros mundos coletivos possíveis no tempo, no espaço, na carne (Haraway, 2021), posto que as “assembleias tornam possíveis os processos de constituição de outras histórias possíveis” (Tsing, 2022, p. 68).

Nesse entre das melodias separadas e simultâneas, sentimos as harmonias e dissonâncias da polifonia das assembleias (Tsing, 2022) que, em linhas de sangue, corpo, experiência, caleidoscópio, folhas, terra e femininos, mobilizam-se em habitações do Antropoceno com arte, biologia e vidas.

O grupo de estudos ecofeministas constitui-se como espaço de travessia e invenção, em que a leitura de autoras latino-americanas e europeias é entrelaçada com experiências de docência e pesquisa em educação em ciências por pesquisadoras, professoras em formação inicial e continuada, professoras do ensino superior e educação básica, agricultoras, empreendedoras. Gentes que comungam do grupo Amplia, Grupo Vidar em In-tensões, Coletivo de Mulheres Agricultoras e Empreendedoras (CMAE) e outras que se colocam para estarem juntas. Inspirado pelas reflexões de Haraway (2021; 2022; 2023) e pela provocação de Tsing (2022) em torno dos modos de vida no capitaloceno, o grupo assume a tarefa de pensar o ecofeminismo como um gesto epistemológico e político, capaz de deslocar fronteiras rígidas entre natureza e cultura, ciência e vida, corpo e território. Nesse horizonte, a presença de autoras latino-americanas adensa a reflexão, pois aborda a multiplicidade de perspectivas que perpassam o feminismo, os estudos de gênero e as epistemologias situadas, sempre em diálogo com o Sul global.

As práticas de leitura e escrita do grupo não se limitam à apropriação teórica, mas se desdobram em uma invenção de mundo, em que o ecofeminismo é evocado como linguagem artística da/na vida. Nesse contexto, projetos como “Travessias-rios em ecofemininos: uma docência em educação em ciências enquanto encontros das águas” e “Entre leiras, plantações e ecofeminismos: um currículo vivo em educação em ciências” mostram como a docência e a arte tornam-se atos de insurgência. No primeiro, a ideia dos rios que se encontram, Amazônia e Cerrado, convoca uma docência feita de afluências, banzeiros e deslocamentos, em que as docências se abrem para a vida que pulsa nas águas e nas margens. No segundo, as leiras e plantações remetem à pedagogia em ciências como cultivo, em que currículos vivos brotam da terra, das mãos e das histórias das mulheres agricultoras e professoras, revelando o cuidado e a reexistência como formas de produção de conhecimento.

As obras de arte que emergem dessas assembleias ecofeministas não se apresentam como adorno, mas como mediações potentes entre ciências e modos de existir. São mantos tecidos de fibras, rios e sementes que evocam memórias de reexistência e anunciam futuros possíveis. Nelas, manifesta-se a recusa à dicotomia natureza/cultura (Haraway, 2021), ao passo que inspira a atenção aos encontros precários e interdependentes que sustentam a vida (Tsing, 2022). A arte das assembleias instauradas pelos estudos ecofeministas torna-se, assim, lugar de insurgência estética e política, que reinscreve corpos e territórios no espaço acadêmico, educativo e comunitário. É nesse gesto que o grupo de estudos ecofeministas se inscreve, abrindo-se ao devir das águas e das leiras, afirmindo a possibilidade de uma docência e de uma ciência que respiram junto com a floresta, com o Cerrado e com as mulheres que neles e por eles se constituem.

5. Considerações finais

Construir possíveis perante o Antropoceno não significa projetar soluções definitivas para um futuro imaginado, mas habitar as brechas do presente e nelas cultivar modos outros de existir. Nesse sentido, trata-se menos de propor alternativas totalizantes e mais de aprender a permanecer com a instabilidade, com as ruínas e com os fios frágeis que sustentam a vida. Inspiradas por Haraway (2023) e sua convocação para ficar com o problema, assumimos que viver e educar em tempos de catástrofes ambientais e sociais implica criar vínculos, redes e alianças que não eliminam a contradição, mas a acolhem como campo fértil de invenção.

As experiências de dois grupos de pesquisas que narramos, entre a arte e a biologia, em docências situadas e que se encontram em alianças e estabelecem o vínculo como um corredor ecológico Amazônia-Cerrado, apontam justamente para essa construção de possíveis como práticas cotidianas e relacionais. Ao mobilizar narrativas de vida, corpos, rios, sementes e imagens, criamos currículos que não se reduzem a prescrições, mas se abrem ao imprevisto, ao encontro e ao devir. O gesto de articular arte e ciência nas pesquisas em educação em ciências não visa fundir linguagens em uma unidade homogênea, mas tensionar suas fronteiras, instaurando zonas de contato em que a imaginação e a sensibilidade possam interrogar os limites da racionalidade hegemônica que cultiva os fins dos tempos.

Construir possíveis, portanto, é um exercício de reexistência e de cuidado. Reexistência às lógicas extrativistas que devastam ecossistemas e subjetividades, e cuidado na invenção de práticas educativas que afirmem a vida em sua pluralidade e diferenças. Nossas narrativas revelam que o possível não está no distante, mas no próximo: no cultivo da terra em leiras, na travessia de rios, na escuta de vozes silenciadas, na docência que se faz corpo e território, multiplicada como um caleidoscópio. Assim, ao final destes escritos, reafirmamos que ficar com o problema não é resignar-se ao que está posto, mas comprometer-se em compor mundos comuns a partir da precariedade, da solidariedade e da imaginação ecofeminista, construindo educação em ciências que se movem com as águas, com a floresta e com os corpos que nelas e com elas habitam.

Referências

ALVES, Maria Carolina; CARVALHO, Daniela Franco. Arte contemporânea e natureza: diálogos sobre educação no antropoceno. In: Desterramentos: por um ato humanamente amoroso. Círculo rodas de conversa, 5. Encontro de Estudos Bakhtinianos, 7, São Carlos. *Anais* [...]. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. p. 627–637. Disponível em: <https://pedroejoaoeditores.com.br/produto/desterramentos-por-um-ato-humanamente-amoroso-x-circulo-rodas-de-conversa-vii-encontro-de-estudos-bakhtinianos/>. Acesso em: 2 dez. 2025.

ALVES, Maria Carolina; URZETTA, Fabiana Cardoso; CARVALHO, Daniela Franco; ANDRADE, Sarah de Assis; MARTINS, Jenyffer Stefany Pereira. Nós-natureza: conexões entre arte, ciências e educação. **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, v. 43, n. 93, p. 163-174, 2025a. Disponível em: <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/1083>. Acesso em: 26 ago. 2025.

ALVES, Maria Carolina; ANDRADE, Sarah de Assis; URZETTA, Fabiana Cardoso; MARTINS, Jenyffer Stefany Pereira; CARVALHO, Daniela Franco. Produção artística em diálogos com a biodiversidade do cerrado mineiro. **Revista Estado da Arte**, Uberlândia, v. 6, n. 1, 2025b. DOI 10.14393/EdA-v6-n1-2025-76196. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revistaestadodaarte/article/view/76196>. Acesso em: 20 ago. 2025.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 2. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. São Paulo: Editora 34, 2017.

BENEVIDES, Nereida Tavares Neves; OLIVEIRA, Caroline Barroncas de; COSTA, Mônica de Oliveira. O. Sonhar um currículo-vida com professores em formação que ensinam ciências nos anos iniciais. **Revista Espaço do Currículo**, João Pessoa, v. 18, n. 2, p. e74462, 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/74462>. Acesso em: 20 ago. 2025.

SANTOS, Antônio Bispo. B. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora; Piseagrama, 2023.

COSTA, Mônica de Oliveira. **A Amazônia é aqui?** Redes que tecem a Amazônia discursiva no Ensino de Ciências. 2017. Tese (Educação em Ciências e Matemática) – Instituto de Educação, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2017. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFMT_a446705f388da37688d7b0349d27b133/Details. Acesso em: 2 dez. 2025.

COSTA, Mônica de Oliveira; OLIVEIRA, Caroline Barroncas. Fabricação midiática e literária: tecendo os fios discursivos de uma Amazônia. **Ciências em Foco**, Campinas, v. 10, n. 2, p. 65-73, 2017. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cef/article/view/9735/5122>. Acesso em: 22 ago. 2025.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa**: filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Veja, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Arte, epistemologia, filosofia e história da medicina**. Organização de Manoel de Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011. (Coleção Ditos & Escritos, v. VII).

GAGO, Verónica. **A potência feminista, ou o desejo de transformar tudo**. Tradução de Igor Peres. São Paulo: Elefante, 2020

HARAWAY, Donna. **O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HARAWAY, Donna. **Quando as espécies se encontram**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema**: fazer parentes no Chthluceno. São Paulo: N-1 Edições, 2023.

HOLLANDA, Heloisa Buarque. **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MOURA, Maria Isabel; MIOTELLO, Valdemir. Deslocando a identidade. Um novo jeito de pensar a respeito de mim mesmo. In: MIOTELLO, V.; MOURA, M. I (org.). **A alteridade como lugar da incompletude**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014.

OLIVEIRA, Caroline Barroncas; VASCONCELOS, Fanuela de Oliveira; CARVALHO, Daniela Franco; COSTA, Mônica de Oliveira. Salve a todos os povos da Amazônia! **Caderno Seminal**. Rio de Janeiro, n. 51, 30-91, 2025. DOI 10.12957/seminal.2024.84165. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/cadernoseminal/article/view/84165>. Acesso em: 20 ago. 2025.

STENGERS, Isabelle. **No tempo das catástrofes**: resistir à barbárie que se aproxima. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

TSING, Anna. **O cogumelo no fim do mundo**: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo. São Paulo: N-1 Edições, 2022.

VASCONCELOS, Fanuela de Oliveira; FRANCO, Natalia Francisca Pereira; GARCIA, Hannyn Barbara Alves; OLIVEIRA, Caroline Barroncas; COSTA, Mônica de Oliveira. O. Cartografias circulares de uma encantaria na Amazônia: entre convivências e afetos de suas ciências e educações. **Revista EntreRios do Programa de Pós-Graduação em Antropologia**, Teresina, v. 7, n. 2, p. 33-51, 2025. DOI 10.26694/rer.v7i2.6525. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/entrerios/article/view/6525>. Acesso em: 20 ago. 2025.

Recebido em: agosto de 2025
Aceito em: dezembro de 2025

Revisão gramatical realizada por: Isabela Cazarini do Prado
E-mail: isabelacazarini@gmail.com